

- Entrevista com Lane, S.T.M. e Rodrigues, A. Tecnologia Social na Psicologia - controvérsia. In *Psicologia, Ciência e Profissão*, 1986.
- Entrevista concedida a Bock, Lia M. e Santos, Livia M. Demarchi. in Fluxo, EDUC: São Paulo, v.2, n.2, p.75-82, ago., 1998
- Parar para pensar e depois fazer. Entrevista concedida a Ciampa, A.C.; Ardans, O. e Satow, S. In: *Psicologia & Sociedade* Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social - ABRAPSO, v.18, n.1, jan./jun. 1996.
- **Entrevista concedida a Sawaia, B.B.; Guedes, M.C.; Ciampa, A.C.; Antunes, M.A. In: *PSI - Jornal de psicologia, CRP-SP, maio/jun, 2000* .**

Diálogos

Uma psicologia para transformar a sociedade

Esta entrevista está disponível em www.crp.org.br e foi publicada no Jornal de Psicologia, desse CRP, ano 18, número 122, maio / junho 2000. A ABRAPSO agradece a autorização do CRP-SP para reprodução

Ela não é registrada como psicóloga, mas atua como professora e pesquisadora de Psicologia desde os anos 50. Formada em Filosofia pela USP em 1956, Sílvia Tatiana Maurer Lane se destaca no ensino da Psicologia Social brasileira. Escreveu, entre outros, os livros "Psicologia Social: O Homem em Movimento", "Novas Veredas em Psicologia Social" e estará lançando em breve "Arqueologia das Emoções", pela editora Vozes. Teve participação ativa na criação da Associação Brasileira de Psicologia Social, Abrapso, e estava entre as lideranças do movimento que, em 1968, reestruturou o ensino de Psicologia na PUC SP, onde continua trabalhando como professora titular do Programa Pós-graduado de Psicologia Social. Nesta entrevista, Sílvia conta sua trajetória a Bader Sawaia, da PUC SP; Maria do Carmo Guedes, da PUC SP e da Fundação Aniela e Tadeu Kinsberg; Antônio da Costa Ciampa e Mitsuko Aparecida Antunes, ambos da PUC SP e da Universidade São Marcos.

Maria do Carmo Guedes – Nós fizemos o curso de Filosofia na mesma época e, na ocasião, não me interessei por Psicologia. Como você foi parar em Psicologia?

Sílvia Lane – Quando estava no quarto ano da Faculdade de Filosofia, consegui uma bolsa, num sistema pelo qual meu currículo passaria por diferentes universidades nos Estados Unidos e eles é que escolheriam quem queria me receber como foreign student. Fui escolhida pelo Wellesly College, um dos sete melhores colleges femininos da época. Tinham passado por lá a Madame Chan Kay Chec, as filhas do Rockefeller... (risos) Fui tremendo nas bases, mas foi uma experiência boa. Era bem perto de Boston, ao Norte dos EUA, e a democracia era um pouco melhor do que no resto do país. Fiquei lá entre 1955 e 1956 e fiz boas relações. Na parte de Psicologia, fiquei meio ressabiada pois eu perguntava: "Mas vocês não estudam Piaget?" Também tinha uma boa formação em Lewin, esquecido por eles. Então, a parte da Psicologia realmente não me acrescentou muito.

Maria do Carmo – Na Filosofia da USP, na Rua Maria Antônia, o que te chamou atenção?

Sílvia – Os cursos da Carolina Bori e do Dante M. Leite mexeram comigo; porém eu também estava mais voltada para a Filosofia. Cruz Costa e Lívio Teixeira eram os meus grandes mestres. Quando recebi a proposta de ir para os Estados Unidos, perguntei ao Cruz Costa o que ele achava. Ele disse: "Não perca esta chance, porque ver o Brasil de fora é ter uma outra visão do seu país." Para mim foi decisivo, tanto é que não fui preocupada em estudar Psicologia, mas em viver numa outra cultura e olhar para o Brasil de longe. Logo que eu voltei, o Joel Martins me chamou para a Educação, CRPE, para ajudar a instalar a divisão de Psicologia Educacional. Eu sempre adorei pesquisa e não titubeei. Foi um período muito gostoso. Me formei em 1956, trabalhamos acho que a partir de setembro planejando o setor. Em 1957, começamos a convidar as pessoas para trabalhar com a gente. Fiquei lá até 1960, pois teve uma série de problemas. E mais: eu decidi casar e não sabia nada de cuidar de casa. Achei que tinha que tinha de enfrentar outro tempo integral: a atividade doméstica. Então, fiquei uns anos parada.

Maria do Carmo – O trabalho no CRPE poderia ter te conduzido para a Psicologia da Educação, mas você foi para a Social

Sílvia – Aí você foi a responsável.

Maria do Carmo – Eu?

Sílvia – Sim, senhora! (risos) Quando, em 1965, você me chamou para a PUC SP, você me disse: "Estamos precisando de um professor de Psicologia Social e Personalidade." Eu disse: "Bom, tenho disciplinas de Personalidade feitas lá nos Estados Unidos e de Psicologia Social tenho alguma coisa, dada por Anita C. Cabral." Daí entrei na PUC dando esta disciplina. Eu não gostava dessa junção, então pedi ao Raul de Moraes, coordenador na época, para desmembrar. Queria dar duas disciplinas distintas, porque achava que a Psicologia Social tinha que ser mais voltada para a pesquisa e a Personalidade era essencialmente teórica. E fiquei com as duas disciplinas separadas. Daí, quando saí em licença maternidade, quando a minha filha Lilian nasceu, disse: "Poxa! Também querer ficar com as duas disciplinas é muita coisa." Optei por Psicologia Social e deixei Personalidade para a Neide Sollitto.

Bader – Em 1968, eu estudava no Sedes Sapientiae e ouvia falar da forma como você atuava. Vocês pararam a Psicologia naquela época...

Sílvia – É, 1968 foi aquele bendito ano de belas experiências... Na Psicologia, fomos todos nós; os professores que lideraram o movimento. A Ana Maria Poppovic teve um desempenho sério e formamos comissões paritárias, de professores e alunos, para tentar uma experiência nova. O desafio vinha da França, de ensino e pesquisa, teoria e prática... Naquela época, a gente ouvia alunos da USP ou de outros setores dizendo: "Gozado, nós aqui é que fazemos a revolução, lá na PUC são vocês, professores." (risos) E foi uma experiência que mudou todos nós. Mudei minha forma de ensinar drasticamente. Aquela relação de dominação ("Eu sou professor, sei tudo; você é aluno, tem que aprender comigo) foi quebrada, um marco na história da PUC. Se a PUC é o que é hoje, isso começou em 1968. Antes, tivemos problemas muito tristes com a Reitoria, com a dominação da Igreja sobre o ensino... Houve um avanço e uma democratização.

Bader – Quando você começou com Skinner?

Sílvia – Quando me meti a fazer minha tese de doutorado. Meu problema era a linguagem, e não podia deixar de ler o "Comportamento Verbal" do Skinner, o que me deu muita dor de cabeça (risos). Eu ficava bravíssima, porque não conseguia rebater coisas que ele colocava, que estavam óbvias... Na hora da defesa, o Joel Martins ironicamente disse: "Pelo jeito, você anda namorando o Skinner!" (Risos.) Saí do Osgood e fui buscar apoio no Skinner... E acho que ele me ensinou muito, como o respeito ao empírico, que mantenho e ensino aos meus alunos. O mérito dele foi nos ensinar a coletar e a respeitar a fidedignidade do dado empírico. Quando a gente parte para uma pesquisa qualitativa, é tão fácil adjetivar, qualificar, mas esquecemos a base, o fato empírico.

Antônio Ciampa – A imagem que você me deixou foi a de que Skinner ia por um lado e Kurt Lewin de outro, mas que no fim eles se encontravam.

Sílvia – Isso está em alguns textos meus. Quando ficou claro para mim que havia uma contradição entre subjetividade e objetividade, os dois grandes representantes dessa contradição eram o Lewin e o Skinner. O Lewin partiu da fenomenologia à procura da subjetividade, entendendo o sujeito dentro de um contexto. Partiu de uma premissa sem saída experimental. Dizia: "É real aquilo que tem efeito". No modelo experimental, quando se observa o efeito, o que o causou já desapareceu, pelo menos no esquema da Psicologia Social. Na teoria de campo dele, a subjetividade ficou estancada. Já o Skinner parte rigorosamente da objetividade, que vai constituir a ciência. Ele diz: "Não é que uma caixa escura não contenha nada, é que não podemos observar o que tem lá dentro". Para a ciência, aquilo que não podia ser observado não valia. O Skinner tem seus namoros com a subjetividade também, principalmente com "verbal behavior", quando resgata o pensamento como um comportamento. Mas os dois param. Quando tive consciência disso, pensei: "Tenho que encontrar uma superação". E, sem dúvida, é a dialética que dá a superação. Se eles são opostos, a unidade dos contrários passa a ser o meu objeto de estudo, ou seja, eu não posso dicotomizar a subjetividade e a objetividade. Portanto, acho que tanto o Lewin como o Skinner têm os seus méritos, pois vão permitir esse salto. Se eles não existissem, duvido que nós pudéssemos ter conseguido trabalhar a Psicologia numa nova linha.

Mitsuko Aparecida Antunes – Que mudança de caminho você buscou para a Psicologia Social?

Sílvia – Como quase sempre, o desafio veio dos alunos. Eu dava aulas na graduação, meio insatisfeita. Desenvolvíamos pequenas pesquisas com os estudantes utilizando revistas, histórias em quadrinhos, ou na rua mesmo, esperando que eles conseguissem dizer: "A teoria não está funcionando, não está valendo para nós." "Mas eles pegavam da realidade aquilo que convinha e davam como exemplos da teoria. Eu disse: "Assim não é possível, não está certo." Uma crítica mais sistemática tinha que ser feita, mas não podia ser com os alunos da graduação. Achei que podia fazer isso na pós-graduação. Então, comecei uma leitura crítica de vários autores, buscando perceber o quanto eles davam ou não conta da nossa realidade. Foi interessante, porque ao mesmo tempo a mesma coisa estava acontecendo em outros países da América Latina. A insatisfação com a Psicologia Social tradicional era mais ou menos generalizada. Porque ela está colada na ideologia norte-americana, só dá conta de explicar os comportamentos do cidadão norte-americano. Quando vinha para a América Latina, ficava solta no ar.

Mitsuko – Essa nova Psicologia Social foi criticada por alguns como sendo não uma ciência, mas uma ideologia política.

Sílvia – Literalmente, foi dito que era política. Quando enveredei por uma construção nova, tinha um desafio grande. Eu fiz um belo curso de Filosofia com o Cruz Costa sobre Marx. E os filósofos, quando viam a gente se interessar pela Psicologia, diziam: "O que vocês vão fazer nessa ciência ideológica?" Eu pensava: "Ideológica por que?" Isso ficou mexendo comigo por muito tempo. Sem dúvida, o marxismo como postura epistemológica estava na minha cabeça e foi um desafio encontrar um veio marxista para desenvolver uma nova Psicologia Social.

Maria do Carmo – Quando o MEC deu os primeiros registros para psicólogos, não nos interessamos. Depois, seria fechado o registro para quem não tinha curso e a Carolina Bori nos forçou a montar um processo. Levamos um "não" redondo. Sempre achei que ela nos pôs de bodes expiatórios. Queria provas de que a Psicologia que estava sendo criada era só de terapeutas e que, para eles, pesquisadores não eram psicólogos.

Sílvia – É possível. Naquela época, quem aplicava o Raven aí, adoidado, tinha registro de psicólogo. E nós que estávamos trabalhando com escalas de escolaridade, não! Acho esse "não" valeu para uma coisa. Nós nos definimos: somos professoras de Psicologia e ponto! Assumimos que nós não queríamos exercer a profissão de psicólogo, tida basicamente como clínica.

Maria do Carmo – Pode nos contar sobre a criação da Alapso e da Abrapso?

Sílvia – A criação da Abrapso, Associação Brasileira de Psicologia Social, aconteceu formalmente em 1980. A Alapso, Associação Latino Americana de Psicologia Social, já existia há alguns anos. Foi criada num congresso da Sociedade Interamericana de Psicologia, em Montevideu, no qual eu não fui. Soube pelas pessoas que ela tinha sido proposta pelo Aroldo Rodrigues, assumindo ele a presidência. E a Alapso continuou existindo nominalmente, sem fazer nada. Tivemos, depois, exemplo da Venezuela, com a Avepso, uma associação nacional de Psicologia Social muito forte. Aí começamos a questionar, na própria SIP, Sociedade Interamericana de Psicologia, o que significava a Alapso, com um presidente eleito por cinco votos da América Latina inteira? Parecia mais um pretexto para conseguir viagens... Era preciso fortalecer as associações nacionais e ter uma Alapso como decorrência delas. Essa foi a proposta que saiu da SIP. Vindo para o Brasil, nós só tínhamos como base institucional a Alapso. Então, fizemos um encontro na PUC e propusemos a criação da Abrapso, Associação Brasileira de

Psicologia Social. O Aroldo Rodrigues saiu batendo o pé, foi embora; não podia admitir isso... (risos) Ele se sentiu traído, mas o que a gente estava querendo era dar base sólida para uma Alapso. Em Buenos Aires, mais tarde em 1989, voltou-se a discutir a função da Alapso. A idéia era de que ela promoveria encontros fechados sobre temáticas específicas, com as entidades nacionais, oferecendo assim um panorama geral do que era produzido na América Latina. Mas um cidadão mexicano assumiu a presidência da Alapso há não sei quantos anos atrás e não abre mão dela. (risos) Ninguém consegue tirá-lo da presidência e a Alapso não foi revista por causa de uma bobagem.

Misuko – E como se deu a sua famosa viagem pela América Latina?

Sílvia – Eu tinha mandado correspondência para Pittsburg, um centro de documentação bibliográfica nos EUA que tinha de tudo de Psicologia, e recebi uma carta-convite para ir lá como professora. Naquele ano, o Reagan foi eleito presidente e eu disse: "Não vou para um país onde o Reagan é presidente de jeito nenhum". Aí a Maria do Carmo me propôs: "Vamos fazer um pedido para o CNPq para um intercâmbio científico com países da América Latina." Eu disse: "Opa, bem melhor. Vamos ouvir em viva voz o que está acontecendo". Para espanto nosso o CNPq aprovou, e foi uma maratona!

Maria do Carmo – Para ter a aprovação do CNPq, tínhamos que ter convite formal de uma universidade em cada país. Mas o que queríamos ver não devia estar dentro delas. Então, a gente fazia uma primeira reunião numa universidade, descobria o que existia fora e, durante o resto da semana, íamos atrás desses projetos.

Sílvia – Me lembro bem da Gladys Montecino, no Peru, que nos pôs em contato com todos os movimentos existentes lá, inclusive os femininos que estavam numa briga tremenda. Foi um susto. A mulher era sempre considerada como dependente, do pai ou do marido. E mais, ela não precisava ir à escola. Só se os pais quisessem. Vimos o trabalho de Falsborda na Colômbia e na Venezuela, que está na origem daquele curso lindo que tem a Universidade Simón Rodríguez, da Venezuela, onde não tem as categorias professor/aluno... Fizemos nosso roteiro evitando os países sob ditadura; então nós não fomos para a Bolívia, Chile e Argentina.

Mitsuko – Essa viagem tem relação com o seu trabalho posterior de Psicologia comunitária?

Sílvia – Claro. Porque a Psicologia comunitária era o campo ideal para a pesquisa participante. Quer dizer, ao mesmo tempo em que você trabalha e intervém numa comunidade, para que ela cresça enquanto consciência e ação, você também aprende com ela a analisar os fatos que estão lá. No fundo, todo trabalho de Psicologia comunitária pode ser também de pesquisa participante. O Vigotsky dizia: "Uma nova Psicologia só se constrói fazendo pesquisa." E eu acho que é isso, essa pesquisa é incessante.

Ciampa – Como seu aluno, em 1965, primeira turma, vejo em sua carreira uma coerência ética, um avançar sem dogmatismos. O que você vem perseguindo e como vê as possibilidades da Psicologia agora?

Sílvia – Procurei entender, primeiro, como se formam os valores nos seres humanos, como eles se dão e orientam o cotidiano das pessoas. Descobri as raízes da emoção. Vigotsky ajuda com as funções superiores, relacionando emoção e palavra, linguagem e pensamento etc., e assim você consegue desenvolver a memória e a imaginação. Essas são as duas grandes chaves; fico encantada com a questão da imaginação, base da criatividade artística. Agora, a imaginação também é a base das nossas utopias sociais. Imagino uma sociedade como gostaria que fosse, e acho que sou capaz de criticar os meus valores arraigados e tentar desenvolver novos valores. Esse é o desafio, esmiuçar como se dão os processos, não só na formação de valores, mas na mudança de valores. Sem esquecer que eles vêm carregados de muita história – a familiar, a social –, e não é fácil mudar. A não ser que a pessoa assuma, realmente, uma reflexão crítica. A atividade estética ajuda no repensar a sociedade, na criação do novo. Parece, então, que só artista – e artista bem sucedido – pode fazer isso! Mas será que nós não podemos também? Aí surge outro dilema, outra contradição: entre imaginação e fantasia. A fantasia leva à alienação, é destrutiva, porque perde os vínculos com o real, enquanto que a imaginação tem os pés no real, no cotidiano. Outro desafio que surgiu há pouco tempo é a apatia, o desinteresse. Alguém indiferente às coisas está negando a própria vida, a emoção, o afeto! Isso é terrível! Como se forma um sentimento de indiferença? Ele é a morte, é virar um robô. São desafios nos quais temos que aprofundar, pesquisar. Se assumimos que a transformação social só se dará eticamente, quem mais do que nós psicólogos tem essa arma na mão? É exatamente esse pensar ético que deve estar presente onde o psicólogo estiver atuando.

Ciampa – Você acabou de se definir em torno de uma utopia. Vou usar uma frase da Hannah Arendt para fazer uma provocação: "O oposto do homem religioso não é o ateu, é o indiferente." Você se considera uma pessoa religiosa? (risos)

Sílvia – No livro meu que está para sair agora, "Arqueologia das Emoções", me deparei com a questão da religião e refleti muito. Religiosidade é um sentimento que todo mundo tem, inerente a todos nós de alguma forma. Tenho uma certa restrição à religião institucionalizada, porque é poder, domina... Mas a religiosidade tem que existir. Me identifico com a humanidade como um todo; o que puder fazer em termos de humanidade, estou lá. Outras pessoas assumem a ecologia como algo religioso, querendo salvar a natureza para salvar a humanidade. Tudo aquilo que você deseja e faz em função de um bem comum, de um bem universal é religioso. Nesse sentido, sou religiosa sim. Não me considero uma atéia, de jeito nenhum.